

ENTRE O PRECONCEITO E A ACOLHIDA: VIVÊNCIA LGBT+ EM UMA UNIVERSIDADE DO INTERIOR DE GOIÁS

Mickaell Fellype Azevedo Silva

(Universidade Estadual de Goiás – UEG)

Luan Moreira Dias

(Universidade Estadual de Goiás – UEG)

Thiago Camargo Iwamoto

(Universidade Estadual de Goiás – UEG)

170

RESUMO

A LGBTfobia persiste na sociedade, mesmo diante das transformações culturais, sociais e políticas ocorridas. O acesso e a permanência na universidade ainda não constituem uma realidade para todas as pessoas, sobretudo para aquelas que não se enquadram nas normativas instituídas. A universidade pode reproduzir e reforçar algumas situações discriminatórias, dada a pluralidade de ideias e de pessoas que a compõem. Entretanto, a universidade não deveria ser um espaço discriminatório nem causador de sentimentos negativos. Diante desse contexto, o objetivo do presente trabalho é relatar as vivências de discentes sobre a LGBTfobia sofrida na universidade, especificamente em um curso de Educação Física no interior do Estado de Goiás. A situação analisada decorre de uma fala preconceituosa e discriminatória proferida por outro discente em relação a um projeto de pesquisa sobre as temáticas de gênero e sexualidade. A metodologia do estudo caracteriza-se como um relato de experiência de dois discentes do curso de Educação Física. A partir do relato, estruturaram-se três temas centrais de análise: a) Descrição do ocorrido; b) Impacto e consequências; c) Reflexões sobre a instituição, com propostas de ações e medidas para o diálogo. Os resultados apresentados no relato evidenciam que a fala discriminatória gerou sentimentos negativos, como medo e exclusão, nos discentes atingidos. Contudo, houve acolhimento por parte de outros/as colegas e da coordenação do curso. Conclui-se que reflexões profundas são necessárias para garantir que todas as pessoas se sintam incluídas no espaço universitário, sendo imprescindíveis medidas mais concretas contra quaisquer comportamentos de discriminação, preconceito e violência.

PALAVRAS-CHAVE: Relato de Experiência; Universidade; Preconceito; Acolhimento.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa relatar a vivência de discentes sobre a LGBTfobia sofrida na universidade, especificamente em um curso de Educação Física no interior do Estado de Goiás. Adicionalmente, aponta-se que, no final do semestre de 2024, houve discussões na multiplataforma de mensagens instantâneas (*WhatsApp*) – grupo da atlética –, após a divulgação de um projeto de

pesquisa que tratava sobre questões de gênero e sexualidade. Na situação, houve comentários preconceituosos e discriminatórios provenientes de outros discentes.

Entendendo a universidade como um lócus que possui um papel social significativo, sobretudo por produzir conhecimentos e saberes e formar pessoas que atuarão diretamente na sociedade. Embora exista essa perspectiva em torno da universidade, é preciso compreender que ela, assim como outros setores, “[...] é um espelho da sociedade e reflete suas contradições; assim, os agentes que a constroem (servidores, professores e estudantes) reproduzem os mesmos vícios, preconceitos e estereótipos do ‘meio externo’ [...]” (Araújo, 2013, p. 39). Entretanto, ao observar a conjuntura contemporânea, é inadmissível que haja essa reprodução de comportamentos – verbais e não verbais –, especialmente daqueles que colocam os/as outros/as em posição de marginalização e submissão, além de ações que discriminam e possibilitam qualquer tipo de violência.

Os marcadores sociais da diferença, como gênero e sexualidade, são fatores que levam à exclusão de pessoas que não estão dentro dos paradigmas hegemônicos construídos cultural, social, histórica e politicamente (Moretti-Pires; Grisotti, 2022). A presença de pessoas dissidentes, aqui representadas pela comunidade LGBT+, incomoda grupos que não aceitam divergências, sobretudo em cidades interioranas do Estado de Goiás, que ainda apresentam características conservadoras, tradicionais e patriarcais.

Nesse sentido, entende-se a importância de discussões e produções acadêmicas sobre diversidade de gênero e sexualidade, visto ser um tema contemporâneo emergente e presente na sociedade. Qualquer tipo de situação que viole o direito de ir e vir, além do direito de ser, sob a égide da cisheteronormatividade, é inaceitável, especialmente em um espaço democrático como a universidade.

A metodologia deste trabalho, alinhada à iniciação científica do projeto que originou toda a discussão, configura-se como uma pesquisa qualitativa, partindo do relato da vivência de dois discentes após o ocorrido no *WhatsApp*. Assim, os discentes envolvidos descreveram a situação e os sentimentos e emoções gerados e impactados. Como método de análise dos dados, foi utilizado a Análise de Discurso (Gil, 2015), organizando as narrativas em temas centrais para expressar os sentimentos e emoções: a) Descrição do ocorrido, abordando os comentários ofensivos e as reações; b) Impacto e consequências, emocional, acadêmico, institucional e social; e c) Reflexões sobre a instituição, ações e medidas para o diálogo.

Para tanto, concorda-se com Mussi, Flores e Almeida (2021) de que o relato de experiência é uma “expressão escrita” de determinados eventos, que contribui para a construção de

conhecimentos. Ou seja, reforça-se a importância de abordar essas discussões, por meio de relatos de experiências, para que seja possível a reflexão crítica e a construção de um ambiente mais acolhedor e seguro para pessoas que fogem às perspectivas cisheteronormativas.

DO EPISÓDIO AO ACOLHIMENTO

Destaca-se que, após a divulgação do projeto de pesquisa que tratava sobre questões de gênero e sexualidade no grupo do *WhatsApp* – com o objetivo de buscar discentes interessados em pleitear bolsa de iniciação científica –, um discente comentou: “Por esse valor, eu até considero que é justo mulheres de verdade competir com trans”, gerando uma discussão sobre identidade de gênero no esporte, além de ataques ofensivos e constrangimentos para todos/as que estavam no grupo.

A fala preconceituosa, assim como a discussão ocasionada no grupo, gerou uma mobilização significativa, levando o caso à coordenação do curso e envolvendo outros/as discentes e docentes, muitos/as dos/as quais integram a atlética, grupo no qual a discussão ocorreu.

A partir de um estudo da morfologia urbana de Itumbiara-GO, Miyazaki (2019) aponta que a cidade configura-se como um município de porte médio, com forte impacto da agropecuária e, posteriormente, da agroindústria. Essa contextualização é relevante para compreender que há uma significativa prevalência de paradigmas conservadores e tradicionais em locais onde predomina o agronegócio, como é o caso de Itumbiara-GO, que apresenta “[...] dificuldades históricas em se aproximar das minorias, dos movimentos sociais e das lutas do campo [...]” (Amaral Júnior; Becher, 2022, p. 4). Essas informações reforçam que há um processo cultural, educacional e familiar ancorado em perspectivas tradicionais e conservadoras, ou seja, temas e situações diversas, fora da perspectiva hegemônica, acabam sofrendo retaliações.

Os dados sobre violências e assassinatos de pessoas LGBT+, produzidos pelo Observatório de Mortes e Violências LGBT+ no Brasil (2024), relacionam essas situações a comportamentos preconceituosos manifestados diretamente por meio de discursos e práticas discriminatórias e excluientes. Considerando o contexto nacional e local, o comentário preconceituoso feito pelo discente é uma forma de marginalizar a comunidade LGBT+, impactando os discentes autores, visto que integram essa comunidade.

A LGBTfobia estrutural, com raízes históricas, culturais e sociais, alimentadas por discursos conservadores, tradicionais e patriarcais, desfavorece pessoas que divergem da perspectiva

cisheteronormativa, privilegiando aquelas que se alinham às normas e padrões estabelecidos. As instituições sociais, incluindo a universidade, podem contribuir para reproduzir e/ou reforçar os marcadores sociais da diferença, mantendo também a ideia da cisheteronormatividade (Monteiro; Soares, 2025), caso não sejam feitas discussões para o rompimento desses paradigmas.

A partir dessa perspectiva, pode haver resistência por parte de membros da comunidade acadêmica, especialmente daqueles/as que repudiam qualquer tipo de violência, discriminação e preconceito, ainda mais diante de uma realidade social contemporânea que tem buscado compreender as diversidades. Assim ocorreu, pois houve reações imediatas, com a mobilização de outros/as discentes no grupo, solidarizando-se com aqueles/as que se sentiram ofendidos/as.

No que tange ao segundo tema central – Impacto e consequências –, os discentes autores relatam sensações e sentimentos negativos, como exclusão e medo. Esses sentimentos podem contribuir para uma sensação de insegurança no espaço acadêmico, além de interferir em suas dimensões humanas. O posicionamento da atlética e da coordenação do curso foi positivo, reforçando que manifestações de intolerância e ódio contra qualquer pessoa não representam um pensamento coletivo. A coordenação ofereceu suporte e acolhimento aos ofendidos, orientando para que seja combatido qualquer tipo de manifestação de LGBTfobia institucional.

Sobre o terceiro tema – Reflexões e propostas de melhoria –, o encaminhamento sugere maior suporte institucional, mais palestras sobre questões de gênero e sexualidade e a revisão de medidas contrárias a esse tipo de violência. “A instituição tem um compromisso claro com a inclusão, promovendo um espaço onde todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero, se sintam bem-vindas e respeitadas”, afirma um relato. Porém, entre os marcadores estruturais, entende-se que, mesmo que paliativo, há a necessidade de mecanismos para que todas as pessoas sejam acolhidas, ainda que não haja estrutura adequada para essa situação (Oliveira Neto; Lima, 2024).

O diálogo com outros docentes na unidade universitária ocorre em determinados momentos, mesmo diante da cultura conservadora da cidade. “Geralmente, nas aulas, abrem-se espaços para falar sobre esses temas, e há muitos debates interessantes, com os professores mediando e promovendo a discussão das diferenças, realizando rodas de conversa com todos interagindo, tirando dúvidas e tentando aprender um pouco sobre o próximo.”

Embora tenha ocorrido essa situação, que refletiu negativamente em determinados momentos, inclusive com rompimentos sociais, a universidade possui em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) diretrizes que garantem a educação e espaços para todas as

pessoas, comprometendo-se com ambientes plurais e inclusivos, respeitando as diversidades e promovendo acesso e permanência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos relatos dos discentes, reafirma-se a importância de garantir os direitos de todas as pessoas a terem acesso e se sentirem pertencentes aos espaços, incluindo a educação. A abordagem apresentada proporciona reflexões sobre como, mesmo em uma sociedade contemporânea, ainda há comportamentos discriminatórios e preconceituosos, mesmo que por um grupo menor. Todavia, esse tipo de comportamento não deve ser tolerado, especialmente diante da possibilidade de marginalização e estigmatização de determinados grupos sociais.

O que se percebe é uma angústia dos envolvidos, um sentimento de medo constante e de exclusão, mesmo que tenha havido suporte e solidariedade por parte do corpo universitário, uma vez que esses sentimentos também estão relacionados a experiências pessoais de desvalorização e negação social. O posicionamento da coordenação, da atlética e de outros/as colegas contribuiu para amenizar essas sensações, oferecendo acolhimento.

Por fim, a universidade, como um espaço para todos/as e que se compromete a garantir acesso e permanência, deve refletir, construir e documentar normativas que assegurem a segurança de todos/as. Mesmo havendo debates e discussões, ainda é necessária uma maior conscientização sobre a diversidade e, considerando a fala do discente, a proposição de projetos de ensino, pesquisa e extensão que abordem temáticas emergentes para romper com pensamentos discriminatórios e preconceituosos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. G. Ensaio sobre a universidade e sua função social. **Filosofando: Revista de Filosofia da UESB**, v. 1, n. 1, 2013.

AMARAL JÚNIOR, J. C. de; BECHER, C. Extensão rural, agronegócio e conservadorismo: os limites de uma política pública para o campo. **Trabalho necessário**, v. 20, n. 43, p. 01-19, 2022.

GIL, R. Análise de discurso. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático.13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 244-270.

MIYAZAKI, V. K. Análise da morfologia urbana em Itumbiara (GO): dispersão e descontinuidades territoriais. **Espaço em Revista**, v. 21, n. 1, p. 19-37, 2019.

MORETTI-PIRES, R. O.; GRISOTTI, M. O lugar (do) errado: discriminações contra lésbicas, gays e mulheres bissexuais no ensino médico. **Saúde e Sociedade**, v. 31, p. e180349pt, 2022.

MONTEIRO, M. R.; SOARES, D. F. Cisheteronormatividade como fato social: origem e sustentáculo da LGBTfobia. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 36, p. 1234-1234, 2025.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

175

OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS LGBT+ NO BRASIL. **Mortes e Violências contra LGBT+ no Brasil**: Dossiê 2023. Acontece Arte e Política LGBT+; Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais); Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT: 2024.

OLIVEIRA NETO, J. S.; LIMA, A. I. B. Narrativas de jovens universitários sobre a homofobia internalizada: uma análise sob a luz da psicologia histórico-cultural. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar**, v. 5, n. 9, p. e595712-e595712, 2024.